

Título do trabalho: A PREDOMINÂNCIA DO GÊNERO FEMININO NO CAMPO XAMANÍSTICO KIRIRI

Autoras: Luna Silva Matos e Cristiane Lobo

Instituição: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas- UFBA.

Agência de fomento da pesquisa: Programa Permanecer.

Objeto e objetivos (visão geral sobre a pesquisa com definição clara do objeto e objetivos):

Entre os Kariri estabelecidos no sertão da Bahia, os auto-denominados Kiriri se distribuíam pelas aldeias de Saco dos Morcegos, Natuba e Canabrava, governadas pelos padres da Companhia de Jesus. Jesuítas e capuchinhos franceses deixaram bons registros sobre eles, notadamente sobre as crenças e percepções religiosas, e não conseguiram disfarçar a vívida impressão que lhes causavam os xamãs, tratados como feiticeiros/impostores, “que (...) prediziam coisas futuras, curavam doenças, quando não as produziam. Podia-se acreditar que alguns deles tinham entendimento com o Diabo, pois não usavam, como remédio, para todos os males, senão a fumaça do tabaco e certas rezas, cantando toadas tão selvagens quanto eles, sem pronunciar qualquer palavra” (Nantes 1979: 4). Os jesuítas, particularmente, tentaram erradicar as crenças indígenas, mas, quase invariavelmente, se defrontaram com notável obstinação. Muitas vezes, sob pretexto de irem à caça ou procurarem mel pelos campos, os Kiriri saíam da aldeia para praticar, às ocultas, as suas cerimônias, o que era reprimido com rigor e castigo. Esse campo xamanístico sofreu, aparentemente, grandes alterações ao final da ‘Guerra de Canudos’ (1897), marco histórico recorrente na narrativa sobre o sistema político-religioso, já que sua presença foi relevante nesse movimento sociopolítico que suscitou grande repercussão no sertão baiano. Mortes dos considerados últimos grandes xamãs, que se comunicavam na língua indígena, e a ocupação da Terra Indígena por não-índios, são as consequências mais deletérias referidas pelos Kiriri contemporâneos. Esse cenário de grande mudança sociocultural teria ensejado expressões religiosas caracterizadas como espúrias (no sentido de não autenticamente indígenas), ou a sua percepção, por parte dos Kiriri, como tais, e a participação, mais evidente, de mulheres, cujos cônjuges atuavam, muitas vezes, como auxiliares. Na década de setenta, com a assunção de Lázaro Gonzaga de Souza ao cargo de cacique, ocorreu intensa reorganização social e política, que atingiu, prioritariamente, o campo religioso, mediante rigoroso processo de unificação dos agentes xamanísticos. A introdução do ritual TORÉ foi o veículo predominante empregado, complementado por acentuada compressão étnica, para proceder ao expurgo, de caráter étnico-religioso, localmente denominado *coador*. Nesse novo contexto, teve preponderante participação Dalta, da mesma geração de Romana, com quem competia no campo religioso, que, sob a égide do cacique, se realinhou no plano religioso, adotando o toré, e se transformou na mestra dos terreiros. Romana, em troca, ao se negar a aderir à pretendida unificação, foi compelida a se retirar da Terra Indígena, morrendo no ostracismo. Analisar a participação feminina nesse processo de persistência xamanística é o objetivo principal da pesquisa.

Metodologia: Proceder de acordo com o que preconiza a etnologia clássica, isto é, a um estudo concreto e individualizado, portanto de caráter etnográfico, desse sistema xamanístico, perscrutando, simultaneamente, a sua relação de continuidade dinâmica com o xamanismo registrado nos séculos XVII, XVIII e XIX, e as alterações nele produzidas. Entre os supostos teóricos a serem testados está o da adequação e rentabilidade analíticas da etnologia de corte clássico para contextos etnográficos com longa história de contato.

Resultados e conclusões: A investigação, ainda em curso, tem produzido fortes evidências que apóiam o suposto da persistência do sistema xamanístico tradicional, e, simultaneamente, a presença de uma forte motivação étnica, contemporânea, que teria produzido grandes realinhamentos, mediante a decisiva colaboração de determinados agentes, a exemplo de mulheres distintamente posicionadas no campo xamanístico.

Referências Bibliográficas:

BALANDIER, George. 1993 [1963] “A noção de situação colonial” *Cadernos de Campo* , ano III, No. 3. São Paulo: USP (PPGCS/Depto. de Antropologia) (107-131)

BANDEIRA, Maria de Lourdes. Os Kariri de Mirandela: um grupo indígena integrado. Estudos Baianos, Salvador, v.66, UFBA,1972.

BRASILEIRO, Sheila. 1996. *O Processo Faccional no povo indígena Kiriri*. Salvador: Dissertação apresentada ao Mestrado em Sociologia da UFBA.

Langdon, Esther Jean (orga.) *Xamanismo no Brasil: Novas Perspectivas*. Florianópolis, Editora UFSC, 1996.

NANTES, Pe. Martinho de. 1979 [1706] *Relação de uma Missão no Rio São Francisco*. São Paulo: Ed. Nacional

NASCIMENTO, M. Tromboni. 1994. *O Tronco da Jurema. Ritual e Etnicidade entre os povos indígenas no Nordeste: o caso Kiriri*. Salvador: Dissertação apresentada ao Mestrado em Sociologia da UFBA.